

# Recrutamento de lideranças, redes de relações, engajamento e militância no MST

**Carla Betânia Reier**

Graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe  
carla.reier@gmail.com

**Maria Rita Ribeiro**

Graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe  
mariarita.ciso@hotmail.com

**Palavras chave:**

Engajamento;  
Militância;  
Movimento Social;  
MST;

**Key words:**

Engagement;  
Activism; Social  
Movement; MST;

**RESUMO:** Este artigo traz alguns resultados preliminares sobre o engajamento militante no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), buscando compreender os motivos que levam os indivíduos a se engajarem em um movimento social, assim como quais os elementos que contribuem para sua permanência em tal movimento. Dentro da proposta de análise, pretendem-se contemplar também as relações sociais engendradas nesta forma de organização social.

**ABSTRACT:** This article presents some preliminary results of the engagement activist in the Movement of Landless Rural Workers (MST), seeking to understand the motives that lead individuals to engage in a social movement, as well as the elements that contribute to their stay in such a move. Within the proposed analysis is intended to also address the social relations engendered in this form of social organization.

## Introdução

Este artigo traz algumas discussões nas Ciências Sociais acerca das teorias e estudos sobre os Movimentos Sociais, assim como também resultados preliminares de um estudo sobre o engajamento militante no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Procurando dar ênfase em como e de que forma se dá o processo do engajamento e do militância no MST, analisam-se as lógicas, disposições e recursos destes militantes do movimento, suas redes de relações, assim como também se há uma dupla militância, considerando outros movimentos ou partidos políticos, que poderá resultar em uma reconversão em um militância político-partidário.

O estudo tem como objetivo estudar o engajamento militante, buscando compreender os motivos que levam os indivíduos a se engajarem em um movimento social, assim como quais os elementos que contribuem para sua permanência em tal movimento. Procura-se também compreender o processo de recrutamento de militantes e das lideranças do MST, quais os recursos/elementos necessários para ser um militante ou líder do movimento.

O estudo sobre o engajamento e o militância no MST teve como recorte dois projetos de assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) no Estado de Sergipe. Utilizaram-se ida a campo para a aplicação de questionários, entrevistas semi-estruturadas, participação de reuniões do movimento, história de vida, assim como também análise documental e literatura sobre o movimento.

Diante dos dados coletados, percebe-se preliminarmente que as origens sociais estão intimamente relacionadas à disposição para o engajamento militante no movimento em estudo. A participação dos pais dos militantes em organi-

zações associativas, como as religiosas, e a dos próprios militantes em outras organizações associativas antes de engajarem-se no MST contribuem consideravelmente para o militância no MST. Apreendeu-se também que as redes sociais destes militantes exercem um papel importante no processo de engajamento, de permanência no movimento, assim como também de recrutamentos de suas lideranças.

## Os Movimentos Sociais, recrutamento político e reconversão militante

O interesse pelo estudo dos movimentos sociais e, mais especificamente, do engajamento militante encontra-se em uma renovação conceitual e metodológica, como diz Oliveira (2010). Com o final da Ditadura Militar em nosso país, a abertura do espaço político, proporcionada então pela Democracia, traz à tona as complexidades vividas pelos indivíduos na sociedade, que enfrentam inúmeros problemas sociais, passando assim a organizarem-se em associações, grupos e movimentos sociais, para reivindicarem seus direitos ou ainda para lutarem pelo poder político.

Desta forma, tal engajamento representa a dinâmica social e resulta em importante análise para as Ciências Sociais. Como diz Engelman (2009), o interesse pelo tema do militância, assim como do engajamento político, encontra-se numa crescente importância para as Ciências Sociais nas últimas décadas: "Inspirados em diferentes aportes teóricos que se estendem desde o interacionismo de Goffmann até a Ação Coleiva de Olson, tais estudos têm se desenvolvido fora do *main stream* da ciência política internacional e brasileira" (ENGELMANN, 2009, p. 17). Percebe-se, com mais intensidade, a partir da redemocratização do país, que um grande número de indivíduos, em algum momento de suas vidas,

encontram-se engajados em algum tipo de movimento, seja o Movimento de Pais e Mestres da escola dos filhos, seja o Movimento Estudantil, seja algum Movimento Religioso, ou ainda algum Movimento Étnico, entre outros.

O surgimento de novos Movimentos Sociais e a importância destes na politização do país são vistos com interesse pelas Ciências Sociais. Conforme Oliveira (2010), emergiram-se mobilizações que diferem das operárias e sindicais, cujas análises passam a não ser mais baseadas somente no fator econômico e de pertencimento de classe: influenciando a "reformulação da literatura acadêmica da ação coletiva e dos movimentos sociais, no início da década de 1970 surgiram novas abordagens no âmbito das ciências sociais" (OLIVEIRA, 2010, p. 49). Estas novas abordagens passam a considerar diferentes fatores, mecanismos e recursos, que permitem uma análise mais ampla a partir dos interesses dos indivíduos por assuntos políticos, possibilitando assim um grande avanço nas investigações sobre o engajamento militante, ou ainda os múltiplos engajamentos, pois

*"não se baseavam em classe, mas sobretudo etnia (o movimento pelos direitos civis), gênero (o feminismo) e estilo de vida (o pacifismo e o ambientalismo), para ficar nos mais proeminentes. Tampouco visavam a revolução política, no sentido da tomada do poder de Estado. Não eram reações irracionais de indivíduos isolados, mas movimentação concatenada, solidária e ordeira de milhares de pessoas. Então não cabiam bem em nenhum dos dois grandes sistemas teóricos do século XX, o marxismo e o funcionalismo. (ALONSO, 2009, p. 50-51)"*

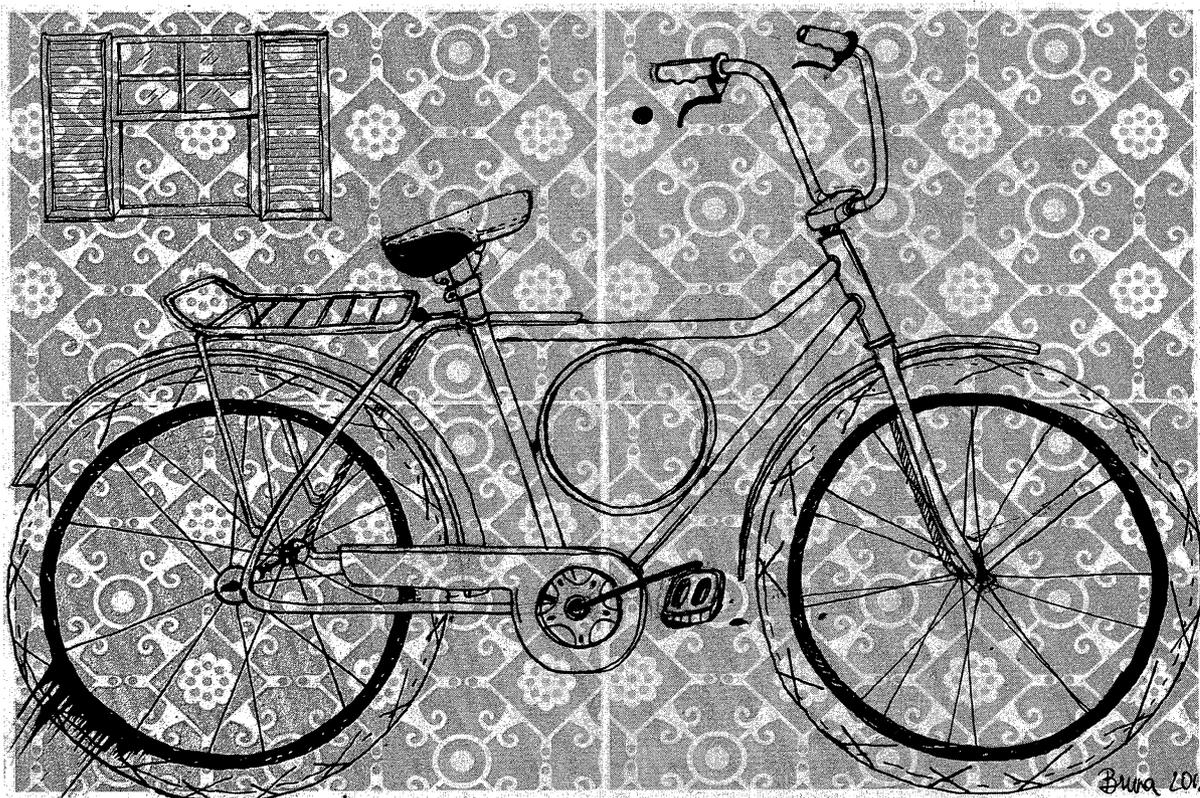
Sendo assim, de acordo com Alonso (2009), as análises sobre os movimentos que emergiam a partir da segunda metade do século XX se alicerçam em três teorias clássicas sobre os Movimen-

tos Sociais: A Teoria da Mobilização de Recursos (TMR), de McCarthy e Zald (1977); a Teoria do Processo Político (TPP), de Charles Tilly (1975); e a Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS), em que se destacam como os três principais teóricos Alan Touraine, Jürgen Habermas e Alberto Melucci.

Estas teorias focalizam aspectos específicos:

*"A TMR focalizou a dimensão micro-organizacional e estratégica da ação coletiva e praticamente limou o simbolismo na explicação. Já a TPP privilegiou o ambiente macropolítico e incorporou a cultura na análise por meio por meio do conceito de repertório, embora não lhe tenha dado lugar de honra. A TNMS, inversamente, acentuou aspectos simbólicos e cognitivos — e mesmo emoções coletivas —, incluindo-as na própria definição de movimentos sociais. Em contrapartida deu menor relevo ao ambiente político em que a mobilização transcorre e aos interesses e recursos materiais que ela envolve" (ALONSO, 2009, p. 69).*

Dessa forma, o adjetivo "novo", empregado a partir de então na Teoria dos Movimentos Sociais, já designa uma ruptura, um novo sentido da ação destes em relação aos "velhos" Movimentos Sociais, conforme Alonso (2009), demandando novas explicações acerca do fenômeno. Diante disso, dentre estas novas formas de movimentos sociais, Alonso (2009) destaca que se configurou um novo padrão de dominação com base na produção e controle da informação, intervindo assim nas relações sociais. Acontece um deslocamento das demandas materiais, antes pautadas no mundo do trabalho, para as simbólicas, implicando uma forma de rever os "valores" da sociedade, agora com bases culturais; as mobilizações recorrem a uma teia de redes de relações, alicer-



çadas para os fins da ação nos aspectos cognitivos dos sujeitos, constituindo assim a motivação para o engajamento e gerando o sentimento de "nós", do pertencimento ao grupo: "Os novos movimentos sociais seriam, então, antes grupos ou minorias que grandes coletivos. Suas demandas seriam simbólicas, girando em torno do reconhecimento de identidade ou de estilos de vida" (ALONSO, 2009, p. 67).

Na América Latina, a Teoria dos Novos Movimentos Sociais ganhou maior espaço, salienta Alonso (2009), e é a mais utilizada para estudos de casos nacionais, havendo uma alternância dos teóricos. Alan Touraine, "único dentre esses autores a refletir diretamente sobre a América Latina – como em *Palavra e sangue* (1989)" (ALONSO, 2009, p. 68), perde espaço para Jürgen Habermas no início da década de 1990, que, por sua vez, no fim desta mesma década, perde espaço para Alberto Melucci, por conta de seus estudos abrangendo o tema da identidade coletiva.

Estas três teorias (TMR, TPP e TNMS) explicitaram seus pressupostos e conseqüentemente seus limites, "brigaram bem, no que convencionou chamar a polêmica identidade 'versus' estratégia" (ALONSO, 2009, p. 69), porém a virada do século XXI obrigou-as a refletir e a reformular alguns pontos principais que defendiam, em face de emergência de novos problemas. O engajamento passa, por exemplo, de escala nacional para global, envolvendo temas e militantes que ultrapassam as fronteiras e "se dirigem, muitas vezes, a instituições multilaterais ou a uma opinião pública transnacional" (ALONSO, 2009, p. 74). Já o enfraquecimento do Estado-Nação, que deixa de ser o polo antagônico dos embates, e a institucionalização dos movimentos sociais, que reflete uma burocratização dos mesmos, muitos funcionando como empresas e prestadoras de serviços estatais, sendo ainda que alguns se convertam em partidos políticos ou se associam a outros já existentes, proporcionando assim que o militante se profissionalize. Logo, ser militante de determinado movimento, combinado com o saber técnico, é muitas vezes uma possibilidade de ascensão profissional. O atentado de 11 de setembro nos Estados Unidos, seguido de outros no decorrer da primeira década do século XXI, abre as portas para mobilizações violentas, não havendo mais somente protestos pacíficos e criando um espaço marcante para o terrorismo dentro do aspecto de mobilizações coletivas, como afirma Alonso (2009).

## Alguns estudos sobre movimentos sociais no Brasil

Para discorrer sobre as análises de movimentos sociais no Brasil, podem-se destacar alguns estudos feitos por pesquisadores sobre o tema, como sobre: o engajamento associativo-sindical e recrutamento de elites políticas, de Coradini (2007); a socialização militante e a institucionalização do Movimento *Hip Hop* de Campinas, feito por Moreno & Almeida (2009); o estudo de redes sociais e carreiras militantes, de Oliveira (2010); a atuação profissional e a lógica de engajamento, desenvolvido por Petrarca (2008) e por Petrar-

ca & Ribeiro (2011a) e (2011b); as disposições e lógicas à militar; de Seidl (2009); as condições sociais de engajamento e militância, de Souza (2009). Estes são alguns estudos dentro do universo de pesquisas sobre o tema e que são tomados como referência para demonstrar o processo do engajamento e militância.

Uma das análises sobre a socialização dos militantes e a institucionalização dos movimentos sociais que é tomada como exemplo aqui para demonstrar tal processo é de Moreno & Almeida, que estudam o Movimento *Hip Hop* de Campinas e salientam que o processo de socialização dos militantes do referido movimento é importante para sua institucionalização. Moreno & Almeida (2009) definem socialização como um processo pelo qual os jovens *rappers* foram preparados para participar do movimento, na medida em que passaram a adquirir novos papéis, ajustando-se à perda de outros papéis mais antigos e passando a não fazer mais parte deste novo universo no qual os jovens estão inseridos. Nesta análise podemos perceber como se dá a socialização dos indivíduos durante este processo de institucionalização e a importância dela na formação do capital militante e político dos membros do movimento, tendo em vista que a socialização é necessária para que o movimento se consolide e tenha continuidade, uma vez que ele necessita de militantes motivados e preparados para desempenhar vários papéis.

Souza (2009), que analisa o processo de engajamento e militância, analisando o itinerário e história de vida dos dirigentes de uma associação que atua na causa do câncer, também nos demonstra como a origem destes indivíduos, assim como qual o espaço de socialização destes, determina o seu engajamento e a sua permanência no movimento. Já Coradini (2007), que investiga os políticos de atuação em âmbito nacional que estão vinculados a algum tipo de associação ou sindicato, analisando as relações deste fato com os devidos trajetos sociais e com as posições no espaço político, demonstra que os usos do capital associativo sofrem uma reconversão em recursos políticos, destacando um crescimento constante deste fato.

Moreno & Almeida (2009), Seidl (2009) e Souza (2009) trazem como dimensão analítica a ênfase no processo, de engajamento e de militância, como importante ferramenta para apreender a formação e a institucionalização dos grupos associativos e as socializações determinantes dos indivíduos que formam estes grupos. Os quatro autores analisam também as origens sociais dos indivíduos e qual a influência destas no interesse pelo engajamento e pela militância. Seidl (2009) cita a importância, dentro do contexto de socialização dos entrevistados, de seu universo familiar e escolar e demonstra que o gosto e a disposição para a militância possuem estreita relação com estes universos, estabelecendo uma multiplicidade de militâncias e extensas redes de relação – sendo que os indivíduos de origem social elevada possuem maiores recursos escolares, o que está associado à probabilidade de sucesso em carreiras políticas e militantes.

Essa mesma observação foi feita por Moreno & Almeida (2009), quando, após institucionaliza-

ção do Movimento *Hip Hop*, apesar da tentativa de não hierarquizar as posições internas, percebe-se uma homologia entre posição social e posição interna no grupo. Da mesma forma podemos perceber em Souza (2009) que a posição social e os títulos escolares dos militantes observados se tornaram recursos para fins militantes, estabelecendo uma relação entre a posse de título e o uso deste tanto para a militância quanto para a ocupação de cargos dentro do grupo ou fora dele em nome da militância.

A militância associativa-partidária tornou-se comum nos dias atuais, sendo observada por Seidl (2009), Moreno & Almeida (2009), Souza (2009) e Coradini (2007), nas suas investigações. O capital militante sofre uma reconversão em capital político, na maioria das vezes a ocupação de cargos dirigentes, disputa de cargo eletivo, partido e movimento, nas suas mais diversas formas, são indissociáveis.

Tal reconversão tem como ponto chave o acionamento de redes sociais para o recrutamento de lideranças de Movimentos Sociais, assim como de candidatos a cargos políticos ou eletivos, tendo em vista que alguns militantes de Movimentos Sociais exercem também militância em partidos políticos. Dentro da análise sobre as redes de relações, pode-se observar que as relações sociais engendradas nessa interação influenciam diretamente o processo de socialização do militante e privilegiam assim um acúmulo de capital político-associativo, que poderá resultar em uma reconversão política-eleitoral, como demonstram alguns estudos nas ciências sociais sobre estes dois aspectos, de acordo com Coradini (2007). Segundo Pereira (2009), o engajamento militante precisa ser analisado a partir do capital militante acumulado em outras associações e da reconversão desta militância na profissionalização em cargos políticos.

Entende-se por redes sociais "o conjunto de participantes autônomos, unindo idéias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados" (MARTELETO, 2001, p. 72). Existe a valorização dos elos informais e das relações nos estudos de redes sociais, segundo Marteleto (2001), proporcionando apreender os comportamentos dos indivíduos que estão sujeitos às estruturas em que estão inseridos. A análise não perpassa as características individuais, mas sim o conjunto de relações que estes indivíduos estabelecem uns com os outros, permitindo assim compreender a estrutura da rede de relações e seus limites.

Moreno & Almeida (2009) analisam a dinâmica do recrutamento político e as retribuições militantes, materiais e simbólicas que recebem os indivíduos pelo partido. Tais retribuições exercem sobre estes militantes, para citar Bourdieu (1998), um poder simbólico, ambíguo e de dependência. O acúmulo do capital militante dos jovens integrantes do Movimento *Hip Hop* de Campinas, proporcionado pela aliança com o vereador do PT e a proximidade com os movimentos sindicais, foi percebido tanto pelo vereador quanto pelo partido. Segundo Moreno & Almeida (2009), os jovens passaram a ganhar visibilidade dentro do partido, pois representavam uma numerosa base eleitoral, sendo possível perceber neste caso o duplo

investimento, material e simbólico; por parte do vereador para com o grupo, provocando uma relação de dependência entre eles, percebida pelos jovens como necessária e de praxe. Estes, apoiando a candidatura do vereador e trabalhando para sua reeleição, garantiram ao grupo a retribuição material necessária para a manutenção do movimento, assim como a retribuição simbólica, por meio do prestígio conquistado.

Por fim, Moreno & Almeida (2009) ressaltam em sua pesquisa que os jovens passaram a ser vistos pelo partido, por conta do capital político acumulado, como fonte de recrutamento militante, que se concretizou a partir do engajamento na militância eleitoral, por meio da qual o vereador obteve êxito em sua reeleição. Além disso, o candidato a prefeito do partido também venceu as eleições, o que possibilitou aos jovens uma retribuição militante, que foi a inserção do *hip hop* em políticas públicas, por meio das quais se deu a criação da Casa de *Hip Hop* de Campinas em 2001, sendo os líderes do movimento alocados como funcionários da Casa.

Nos estudos de Petrarca (2008) e de Petrarca & Ribeiro (2011a), (2011b), pode-se observar que a militância se profissionalizou, na medida em que a ocupação de cargos dentro de determinados movimentos sociais estudados pelas autoras, seja o movimento ambiental ou ainda diversos outros em defesa das causas sociais, está atrelada a um saber técnico e a formação profissional específica, como, por exemplo, na defesa de causas sociais da luta pelos direitos humanos; na defesa de causas da criança e do adolescente; na luta pelos direitos dos homossexuais e no combate a homofobia. Além disso, a profissionalização na área da advocacia é imprescindível para a ocupação de cargos dentro de determinados movimentos. Por fim, Petrarca & Ribeiro (2011a) demonstram, assim como também Oliveira (2010), a importância das redes de relações para recrutamento, engajamento e ocupação de cargos dentro de movimentos sociais, associações e partidos políticos - sejam, conforme Petrarca & Ribeiro (2011a), as redes formais, que englobam a participação do indivíduo em outras organizações associativas antes de engajarem-se ao movimento social, ou ainda as informais, que reúnem os amigos, parentes e colegas de trabalho.

Percebe-se que tais estudos demonstram as transformações ocorridas nos movimentos sociais na virada para o século XXI, como salientou Alonso (2009), trazendo lógicas específicas para o engajamento e para o militantismo. As análises de lógicas, disposições, recursos e investimentos militantes, como também as que abordam a militância como carreira e atuação profissional interligada às análises das redes de relações destes militantes, permitem dar conta da compreensão do universo dos movimentos sociais, abordando assim seus aspectos objetivos e subjetivos.

## A militância no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

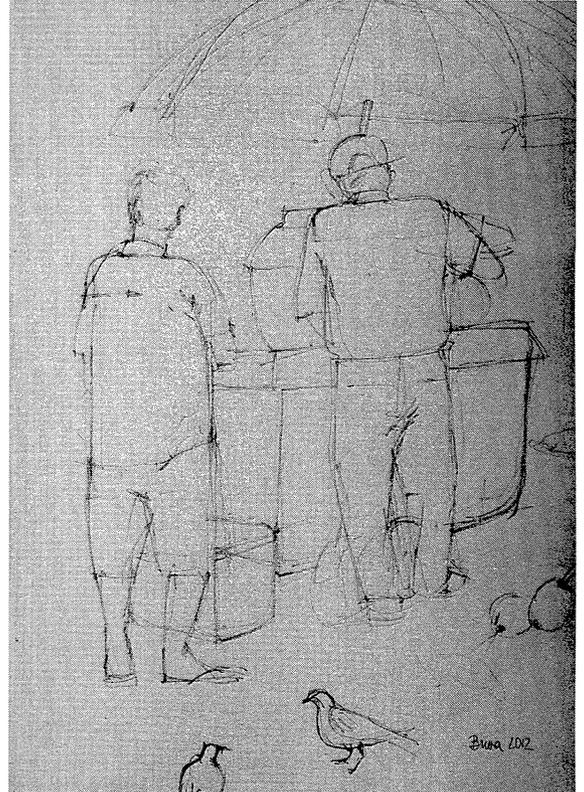
Conforme Ataíde Júnior (2006), o MST surge em meio a diversas circunstâncias, vários acontecimentos. Para citar apenas um exemplo, há a

expulsão de 1800 famílias de colonos da Reserva Indígena Nonoai, em maio do ano de 1978, feita pelos índios Kaingang, apoiados pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Estas famílias são remanescentes de uma desocupação de 5000 famílias ocorrida em 1963, o que marca que estes acontecimentos resultam de uma cadeia de eventos, não se tratando de fatos isolados. Nesse sentido, vale destacar os três principais fatores que influenciaram o surgimento do MST, segundo Ataíde Júnior (2006): o aspecto socioeconômico, que trata do processo de mecanização da agricultura e de uma política fundiária que beneficiou a agroindústria; o aspecto ideológico, proporcionado pela Igreja Católica e Luterana (esta última principalmente nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina), facilitando a organização dos camponeses e conscientizando-os de seus direitos; e, por último, o processo de redemocratização do país, que facilitou a organização e as reivindicações de diversos movimentos sociais.

O MST nasce na Comissão Pastoral da Terra (CPT). Esta é criada em Goiânia em 1975 e surge com o intuito de trabalhar com os membros de suas paróquias, nas periferias das cidades e comunidades rurais, para conscientizá-los sobre seus direitos, tendo como base a aplicação da Teologia da Libertação. A CPT organiza os camponeses para que lutem pelo que lhes é de direito, trazendo à tona o debate sobre a reforma agrária, conforme Ataíde Júnior (2006), tornando-se assim a grande articuladora dos movimentos sociais no campo. A adesão de camponeses à CPT é, na época, facilitada, de certa forma, pela vinculação da família com a Igreja.

É dentro do contexto histórico de redemocratização do país que diferentes atores coletivos em defesa da reforma agrária ganham força, e emergem a partir de então novos movimentos sociais, inclusive o MST, que é o universo empírico deste estudo. O MST é um Novo Movimento Social com caráter revolucionário, o que pressupõe um "engajamento total", que é característico de tais movimentos revolucionários de acordo com Lerrer (2008). Tem como objetivo principal a justiça social no campo, por meio da redistribuição de terras, o que possibilita ao trabalhador rural uma inclusão social e melhora na qualidade de vida. Como um dos objetivos específicos, tal movimento tem como princípio a preocupação com a formação de seus quadros técnicos e políticos, assim como também o estímulo à participação dos trabalhadores rurais no sindicato e em partidos políticos, conforme Ataíde Júnior (2006). A escolha por este movimento se deu pelo interesse de analisar quais são os processos do engajamento, considerando diferentes elementos e mecanismos que permitem aos indivíduos se interessar por este universo militante.

Partiu-se da seguinte inquietação: Como e de que forma um indivíduo torna-se militante do MST? A partir desta pergunta, pretendeu-se compreender como e em que lugar são produzidos os recursos sociais, culturais e experiências destes indivíduos que se interessam pela militância em tal movimento social, trazendo a abordagem da militância como um processo de socialização do indivíduo, como diz Seidl (2009) quando analisa as disposições para o engajamento militante.



O estudo tem como objetivo geral estudar o engajamento militante, buscando compreender os motivos que levam os indivíduos a se engajarem em um movimento social, assim como quais os elementos que contribuem para sua permanência em tal movimento. Como objeto de estudo tomou-se o MST, observando dois projetos de assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) no Estado de Sergipe.

A escolha por projetos de assentamento e não acampamento do movimento deve-se ao fato principal de o primeiro representar um organismo social fixo, um território conquistado, "um termômetro do crescimento vitorioso do MST" (TURRATI 2005, p. 17), sendo que o segundo representa uma forma de organização itinerante, repleto de incertezas e carregando uma condição de transitoriedade. O assentamento é o local onde se encontra um amplo conjunto de elementos para o estudo do processo de tal engajamento e permanência no movimento, como também o espaço onde os processos de socialização, acúmulo de capital militante e reconversão política podem ser mais facilmente apreendidos.

Apesar de o MST se tratar de um movimento novo, com aproximadamente três décadas de existência, o estudo de tal movimento demonstra que "há questões de relevância científica para o campo das ciências humanas que já foram ou vêm sendo tratadas de maneira satisfatória por estudiosos de diversas áreas" (TURRATI, 2005, p. 15). De acordo com Turrati (2005), há estudos nas áreas da educação; do direito, como por meio dos Direitos Humanos, referentes aos conflitos no campo; do desenvolvimento sustentável e preservação ecológica; da Antropologia, como os estudos referentes à religiosidade e, principalmente, os estudos referentes à identidade de grupo, lançados à luz de uma discussão comparativa ante os padrões estabelecidos que designe o "campeginato tradicional", buscando permanên-

cias e rupturas. Assim como, as consequências para a organização do referido movimento, são duas variáveis de grande relevância para a investigação do MST que têm permeado as discussões nas ciências sociais.

Assim sendo, a análise do engajamento militante no MST possibilita um estudo que, além do histórico de sua formação, traz à tona elementos importantes que poderão complementar as investigações acima citadas, pois contemplar os elementos, recursos e disposições para tal engajamento militante e permanência no movimento possibilitará uma análise mais ampla sobre este "novo campesinato", que emerge com os movimentos sociais de reforma agrária, tendo como pano de fundo o conflito pautado em uma política redistributiva. Este tipo de campesinato, conforme Turrati (2005), pode ser traduzido e caracterizado pela "falta", seja a falta de terra, de moradia, de educação, de alimento ou de território fixo, tendo em vista que o movimento inicia-se com os acampamentos organizados pelos movimentos sociais de luta pela reforma agrária. A tentativa de compreender as disposições e elementos deste engajamento poderá contribuir ainda para uma reflexão acerca das ferramentas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de ações ou políticas públicas no combate à miséria e relacionadas às possibilidades de mobilidade social, entre outras, mas é preciso salientar que este não é o foco deste estudo.

Este "novo campesinato" que emerge com os novos movimentos sociais de luta pela terra, neste estudo especificamente o MST, representa uma das formas de mobilidade e desenvolvimento social, uma vez que a saída do "acampamento" para um assentamento de reforma agrária possibilita aos militantes dispor de uma realidade produtiva para sanar suas necessidades imediatas. Segundo Turrati (2005), esse não representa mais um período de incertezas quanto à possibilidade ou não de ser contemplado com um lote de reforma agrária, porém o "novo campesinato"

diferencia-se do "campesinato tradicional" caracterizado pela pequena propriedade rural, com território fixo, definido, com base na agricultura familiar, tendo como base a hereditariedade da terra, das técnicas de cultivos passadas de pai para filho. Além disso, diferencia-se também de outras formas de campesinato, como o das populações tradicionais da Amazônia ou das populações indígenas brasileiras com base no extrativismo. Porém esta pesquisa não se propõe a analisar as diferentes formas de campesinato.

Entender o processo de engajamento militante em um movimento social desta natureza possibilita uma compreensão não somente ligada a uma futura discussão comparativa entre diferentes formas de campesinato, desenvolvimento social e econômico, mobilidade social, mas também relacionada ao entendimento da organização interna do movimento, como este se produz e se reproduz a partir do militante como um sujeito dentro da política nacional.

## Origens sociais e trajetórias do militante

Este estudo possibilitou investigar como se dá o engajamento militante no MST, sem ater-se a um estudo com base nos fatores econômicos e de pertencimento de classe, mas sim dando ênfase ao processo de engajamento nos seus mais diversos elementos e lógicas, analisando as trajetórias individuais e socializações dos indivíduos, podendo-se perceber, assim, a relevância científica do presente trabalho na análise dos processos de engajamento militante para as Ciências Sociais, assim como a sua capacidade de contribuir com outros estudos sobre o tema na área das Ciências Humanas. Apesar de existir uma série de estudos sobre militante que abrange a análise do processo de engajamento nas suas mais diversas formas, poucos destes abordam o MST.

No caso desta pesquisa, que tem como foco o MST, buscou-se apreender como se dá o processo deste engajamento, quais as lógicas e disposições que permeiam este processo, ou seja, os motivos que levam os indivíduos a se engajarem neste determinado movimento social e quais os elementos que contribuem para sua permanência em tal movimento. A partir do universo do MST procedeu-se um recorte espacial em dois projetos de assentamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Foram levantadas as seguintes questões norteadoras: de que forma e por que os indivíduos se engajam em tal movimento? Quais os universos de socializações destes indivíduos? A origem social, o universo familiar e escolar exerce influência no engajamento e nas posições ocupadas dentro do movimento? Quais as redes de relações destes militantes e de que modo se dá o acionamento destas? De que forma se dá o processo de reconversão do capital político-associativo em capital político-eleitoral? As respostas encontradas a estas questões propiciaram, ainda de forma preliminar, a apreensão do processo de engajamento militante neste movimento social tão complexo.

Além disso, a análise do processo de engajamento, trajetória e socialização dos indivíduos,



por meio da dinâmica interna do movimento, possibilita apreender as complexidades que envolvem a militância no MST e analisar como a origem social, o universo familiar e escolar exercem influência no engajamento e nas posições ocupadas dentro do movimento MST, ou seja, no recrutamento de suas lideranças, no acúmulo de capital político-associativo e na sua reconversão em capital político-eleitoral no movimento em questão, buscando as lógicas de investimento e recrutamento político e qual o papel das redes sociais dentro deste processo de engajamento. A análise das redes sociais permite apreender a importância e a posição que estas ocupam dentro de determinados espaços, tornando-se determinantes tanto para o engajamento quanto para a ocupação de cargos dirigentes e para o recrutamento pelos partidos políticos.

Por meio da abordagem dos aspectos objetivos e subjetivos do militantismo, buscou-se a compreensão dos fenômenos através da estreita análise de dados e da relação de observador e sujeitos pesquisados. Os instrumentos utilizados para tal análise contam com a coleta de dados por meio da aplicação de questionários, a observação direta, entrevistas semiestruturadas, a história de vida e análise documental.

A partir da observação direta (a participação em reuniões do movimento nos assentamentos citados, reuniões municipais, regionais e estaduais), foi realizado o levantamento de algumas questões de relevância para o estudo. Com as entrevistas semiestruturadas e da história de vida dos militantes do MST, além de estabelecer uma interação entre pesquisador e pesquisado, pretendeu-se apreender o modo como estes pensam a si mesmos enquanto militantes e o movimento, como se dá o processo de mutação que sofrem ao se engajarem, como passam a se perceber após a entrada no movimento e como se dão os processos de socialização dentro de um grupo tão complexo, dando ênfase aos aspectos cognitivos.

A aplicação de questionários teve como prerrogativa a coleta de informações sobre a trajetória individual, o que possibilitou apreender a origem social dos indivíduos, o papel das redes sociais no engajamento deles, as influências recebidas por eles nos espaços de socialização, quais os tipos de socializações predominantes em suas vidas, assim como de que forma os recursos escolares e recursos familiares contribuíram para o seu engajamento, dentre outras informações. Por meio da análise documental, houve a possibilidade de percorrer o processo histórico do MST no Estado de Sergipe.

A escolha do local para a pesquisa de campo teve ligação principalmente com a viabilidade para a sua realização. Podem-se, entretanto, a partir da perspectiva de continuidade do estudo, abranger mais assentamentos, ampliando-se assim o número dos Projetos de Assentamentos. A escolha inicial fez o seguinte recorte espacial: um Projeto de Assentamento se encontra localizado na região metropolitana de Aracaju e o outro se localiza no interior do Estado, ambos apresentando, assim, facilidade de acesso. O motivo de escolha de um projeto de assentamento na região metropolitana e outro no interior do estado está diretamente ligado ao interesse de analisar as di-

nâmicas internas do Movimento e do processo de engajamento e socializações dos indivíduos que se pretendem estudar. Pretende-se com isso fazer uma análise comparativa no final da pesquisa, realizando um cruzamento das informações obtidas, a fim de apreender se estas dinâmicas de um assentamento para o outro, assim como se os processos de engajamento e socialização de um para o outro, apresentam ou não alguma mudança.

Neste estudo foram consideradas as origens sociais de acordo com as seguintes variáveis: origem geográfica, profissional, escolarização, participação em alguma organização associativa ou política dos pais e dos militantes entrevistados. É importante salientar que há apenas resultados preliminares, uma vez que a pesquisa está em andamento. Até o presente momento, foram aplicados entrevistas e questionários a um universo de 8 militantes.

Quanto à variável de origem geográfica do pai, pode-se perceber que, do universo preliminar, 02 são originários do estado da Bahia, 01 do estado de Alagoas, 04 do estado de Sergipe e 01 do estado de Pernambuco. Já quanto à origem geográfica da mãe, é demonstrado que 01 veio da Bahia, 01 de Alagoas, 02 de Pernambuco e 04 são do estado de Sergipe. Analisando a naturalidade dos militantes entrevistados, percebe-se que destes 05 são naturais do estado de Sergipe, e os demais vieram de outros estados, sendo 02 naturais do estado da Bahia e 01 do estado de Alagoas.

A origem geográfica é importante dentro da análise porque procura identificar o itinerário do militante e de sua família. Como citado anteriormente, um sem terra caracteriza-se pela falta de um território fixo, refletindo o caráter itinerante do acampado, tendo em vista que estes se mudam constantemente devido à alteração do acampamento de um lugar a outro. Outros migram de determinadas regiões do nordeste em busca de novas oportunidades. Sendo assim, procura-se compreender de que forma esta itinerância pode interferir no engajamento e na permanência no movimento, uma vez que alguns membros se afastam de sua região de origem e de sua família.

Quanto à variável escolarização do pai, encontrou-se o seguinte: há 03 sem nenhuma escolarização, ou seja, analfabetos; 01 com nível fundamental completo; 04 possuem o nível fundamental incompleto. Em relação à escolarização da mãe, chegou-se ao seguinte resultado: 03 não possuem nenhum nível de escolarização (analfabetas), 02 têm nível fundamental completo e 03 têm nível fundamental incompleto.

A variável escolarização dos pais nos permite analisar, num primeiro momento, os seus recursos escolares e as suas socializações dentro do espaço escolar e traçar assim um comparativo com os recursos escolares dos filhos. Busca-se apreender se houve, de pais para filhos, alguma ascensão do nível de escolarização. Num segundo momento, analisam-se os reflexos destes recursos nas posições ocupadas na esfera profissional e na participação política dos pais, e se estes influenciam no engajamento dos filhos no referido movimento.

Analisando a variável de escolarização dos entrevistados, ou seja, dos militantes do referido movimento, percebe-se que houve uma ascensão,

de forma geral, quanto ao grau de escolarização destes se comparado com o de seus pais. Sendo assim, 05 apresentam o nível fundamental completo, 02 têm nível médio completo e 01 tem nível médio incompleto.

A variável escolarização é importante, pois o nível de escolaridade está intimamente ligado à vida profissional e militante do entrevistado. Há dois pontos importantes que os próprios militantes destacam. Primeiro, eles salientam que tiveram um progresso em relação a seus pais que não sabiam ler nem escrever e que, mesmo que tivessem alguma escolarização, não compreendiam muito bem as complexidades da vida nem seus direitos e eram facilmente enganados. A partir de um grau mais elevado de escolarização, há a possibilidade de um melhor esclarecimento quanto aos seus direitos, assim como quanto às alternativas e às possibilidades de lutas.

A escolarização permitiu que alguns dos entrevistados fossem recrutados para assumir o papel de lideranças do movimento, como o cargo de liderança do assentamento e outras lideranças regionais, mostrando que as posições são bem marcadas e hierarquizadas.

Percebe-se a preocupação dos militantes quanto à escolarização de seus filhos. Estes reivindicaram junto à prefeitura do município a disponibilização de um ônibus para a locomoção de seus filhos para que estes pudessem estudar, tendo em vista que próximo do assentamento não há nenhuma escola. Hoje, o ônibus busca as crianças e adolescentes e transporta-os para escolas na sede do município.

A educação é um dos pontos centrais do MST, que vê no nível de escolarização uma das formas de qualificar seus quadros. O estudo de Coradini (2010) sobre a militância no MST, quando analisa um assentamento no Estado do Rio Grande do Sul, aponta esta preocupação do movimento, que adota como medida a mesma possibilidade de logística de seus militantes - o ônibus da prefeitura busca os alunos do assentamento. Sabe-se que hoje tal medida é dever do poder público, mas cabe ao assentamento reivindicar e cobrar para que esta se efetive.

Quanto à variável profissão da mãe, percebeu-se que 02 são trabalhadoras rurais (enquadrando-se aí os serviços executados em terras de terceiros. Os trabalhadores recebem por dia trabalhado e não têm vínculo empregatício); 04 são agricultoras (considerando-se os arrendamentos rurais, contratos de meeiros ou terra própria); 01 é empregada doméstica e 01 é dona de casa.

Referentes à profissão do pai, encontraram-se os seguintes resultados: 02 são trabalhadores rurais (atividades baseadas em diárias); 02 trabalham em indústria ou fazendas (consideram-se nesta categoria os que exercem atividade remunerada mensal, com um ganho fixo e vínculo empregatício); 03 encontram-se na categoria profissional de agricultor (que considera os arrendamentos ou terra própria); e 01 é servente da construção civil (considerando-se tanto a atividade remunerada mensal com vínculo empregatício, quanto as por empreitadas relacionadas à determinada obra, sem vínculo empregatício). Observou-se também a variável profissão do militante: 06 se consideram agricultores e 02 trabalham no comércio, sendo

ainda que, do total de militantes questionados, 06 exercem o cargo de lideranças do movimento em paralelo à sua profissão.

A partir da profissão dos pais, pode-se perceber que a grande maioria deles não é proprietária de terras, sendo que o trabalho exercido no meio rural se dá por meio de plantio em terras de terceiros sob as formas de arrendamentos ou com os trabalhadores como meeiros, parceiros, trabalhadores rurais em fazendas ou como "peões". Dessa forma não há possibilidade de transmissão de bens, ou seja, de herança, ou ainda, de que os filhos trabalhem nas terras da família. Precisam assim, na maioria das vezes, exercer o trabalho também em terras de terceiros ou outra forma de trabalho que não o rural.

Segundo os questionados, se os pais possuíam terra própria, esta era pequena propriedade rural e se localizava no sertão nordestino, onde a seca assolava a todos e impedia que tirassem da terra o necessário para as suas necessidades diárias. A alternativa encontrada era migrar para outras regiões em busca de melhores oportunidades. Percebe-se que alguns migraram para a cidade em busca de oportunidades de trabalho na área da indústria, comércio, construção civil ou como empregados domésticos; outros procuraram trabalho em fazendas, onde poderiam continuar a exercer trabalhos que estão diretamente ligados as suas experiências de plantar e cuidar da criação de animais.

Em relação ao envolvimento do pai em alguma organização, há os seguintes números: 05 estão envolvidos com alguma organização religiosa (nesse caso, todos possuem envolvimento com a Igreja Católica de suas comunidades); 01 não está envolvido com organização de qualquer natureza; 01 encontra-se envolvido em sindicato; e 01 com partido político. Quanto ao envolvimento da mãe, destaca-se que 03 não estão envolvidas com nenhum tipo de organização e 05 encontram-se envolvidas em organizações religiosas (nesse caso também o envolvimento se dá pela Igreja Católica de suas comunidades).

A análise da participação dos pais em organizações associativas é importante na medida em que possibilita dar conta de apreender se a disposição para a militância é herdada, se estes militantes foram socializados dentro de algum espaço de organização associativa, qual era este espaço e de que forma esta socialização pode ter contribuído para que se engajassem na defesa e na luta pela reforma agrária.

Outro fator importante apreendido neste estudo é que, destes militantes questionados, 04 são filiados a partido político, percebendo-se assim a dupla militância, político-associativa e político-partidária. 02 não estiveram em momento algum engajados em outras organizações antes de inserir-se no movimento e 06 estiveram envolvidos em outras organizações antes de militarem no movimento. Em relação aos que tiveram envolvimento anterior, percebe-se que 04 estiveram envolvidos em organizações religiosas, 01 em algum tipo de associação e 01 em sindicato.

Outro ponto importante é que alguns militantes, assim como seus pais, estiveram envolvidos em outras organizações associativas, sendo que o envolvimento em organizações religiosas é o mais

expressivo, o que demonstra que a socialização destes indivíduos dentro de um espaço de fraternidade e de busca por igualdade influenciou-os, como eles mesmos salientam, no engajamento no MST. Isso se deve ao papel que a Igreja tomou dentro destas discussões, cristalizando-se principalmente na Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Não se pode deixar de destacar que os militantes, quando questionados sobre a forma com que se deu a sua inserção no movimento, relacionam-na aos parentes e amigos que já estavam no movimento, aos militantes de partidos políticos, que inclusive faziam reuniões na tentativa de cooptá-los para a luta pela terra e à igreja, que exercia um papel no sentido de esclarecê-los quanto ao seu direito a um pedaço de terra.

### Considerações finais

Diante dos dados expostos, percebe-se, preliminarmente, que as origens sociais estão intimamente relacionadas à disposição para o engajamento militante no MST, acrescentando-se o papel determinante das redes de relações e do capital militante acumulado para a inserção dentro do movimento, assim como para o recrutamento de suas lideranças. Entretanto, claro está que tal confirmação só se efetivará com o encerramento da pesquisa. Neste momento ainda não é possível afirmar como se engendra a reconversão do capital político-associativo em capital político-partidário, porém já se percebe que existe uma

estreita relação entre estes e que o papel das redes sociais e do capital militante acumulado são importantes para tal reconversão.

Sendo assim, os resultados preliminares apontam que a dinâmica interna do movimento - divisão de tarefas, definição de papéis dos militantes e das lideranças - assim como o recrutamento, nas mais distintas hierarquias, é realizada de forma sistemática. Apreendeu-se, de certa forma, o cotidiano dos militantes selecionados nos dois projetos de assentamento: como se organizam entre rotina de vida diária e dedicação ao movimento; como as redes sociais destes militantes exercem papel importante no processo de engajamento, de permanência no movimento e de recrutamento de lideranças.

Os resultados permitem uma aproximação com outras discussões sobre o tema do militância, como as formuladas por Seidl (2009), Souza (2009), Moreno & Almeida (2009), Coradini (2007), Oliveira (2010), Petrarca (2008), Petrarca & Ribeiro (2011a, 2011b), entre outros, em que as disposições para o engajamento se relacionam com as origens sociais dos militantes e com os capitais acumulados por eles no decorrer das trajetórias individuais, tudo intimamente relacionado ao acionamento das redes sociais que constroem ao longo de suas vidas. Porém ainda é preciso aumentar o universo dos entrevistados e finalizar a pesquisa para compreender profundamente de que forma se tecem estas redes sociais e como se processa a reconversão do capital político-associativo em político-partidário.

Submetido em Novembro de 2011

Aprovado em Março de 2012

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. *Revista Lua Nova*, São Paulo, n. 76, p. 49-86, 2009.
- ATAÍDE JÚNIOR, Wilson Rodrigues. Os direitos humanos e a questão agrária no Brasil: a situação do sudoeste do Pará. Brasília: UNB, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CORADINI, Odaci Luiz. Engajamento associativo-sindical e recrutamento das elites políticas: tendências recentes no Brasil. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, p. 181-203, jun. 2007.
- \_\_\_\_\_. Recursos de origem, investimentos e expectativas de retribuição na militância no MST. *Espaço Aberto Cuaderno Venezolano de Sociologia*, vol. 19, n. 3, Julio-Septiembre 2010, p. 445-473.
- ENGELMANN, Fabiano. Apresentação. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 2 (59), p. 17-19, maio/ago. 2009.
- LERRER, Débora Franco. Trajetórias de militantes sulistas: nacionalização e modernidade do MST. In: CPDA UFFRJ, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: [http://www.uffrj.br/cpda/main/static.php?url=teses/doutorado\\_2008\\_resumos.html](http://www.uffrj.br/cpda/main/static.php?url=teses/doutorado_2008_resumos.html). Acesso em: 14/11/2010.
- MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes Sociais: aplicação nos estudos de transferência de informação. *Revista Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>. Acesso em 01/02/2012.
- MORENO, Rosângela Carriolo; ALMEIDA, Ana Maria F. "Isso é política meu!" socialização militante e institucionalização dos movimentos sociais. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 2 (59), p. 59-76, maio/ago. 2009.
- OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de Oliveira. Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n.3. Brasília, janeiro-julho de 2010. p. 49-77.
- PEREIRA, Sergio Martins. Trajetórias pessoais e engajamento militante em Volta Redonda-Brasil. In: VIII Reunião de Antropologia do Mercosul. Buenos Aires, 2009. Disponível em: [http://www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/Ponencia%20\[Pereira\].pdf](http://www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/Ponencia%20[Pereira].pdf). Acesso em: 25/10/2010.
- PETRARCA, Fernanda Rios. Atuação profissional, recursos militantes e lógicas de engajamento no jornalismo ambiental do RS. *Comunicação & Política*. Rio de Janeiro, 2008, v. 26, p. 27-54.
- PETRARCA, Fernanda Rios; RIBEIRO, Maria Rita. Novas formas de exercício profissional e atuação na defesa de causas sociais. In: VX Congresso Brasileiro de Sociologia, Curitiba, 2011a. Disponível em: [http://www.sistemasmart.com.br/sbs2011/arquivos/29\\_6\\_2011\\_20\\_29\\_17.pdf](http://www.sistemasmart.com.br/sbs2011/arquivos/29_6_2011_20_29_17.pdf). Acesso em 22/09/2011.
- \_\_\_\_\_. Ativismo jurídico e defesa dos direitos humanos em Sergipe. In: XXVIII Congresso Internacional da ALAS, Recife, 2011b. Disponível em: [http://www.sistemasmart.com.br/alas/arquivos/3\\_8\\_2011\\_8\\_14\\_49.pdf](http://www.sistemasmart.com.br/alas/arquivos/3_8_2011_8_14_49.pdf). Acesso em 24/09/2011.
- SEIDL, Ernesto. Disposições a militar e lógica de investimentos militantes. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n.2 (59), p. 21-39, maio/ago. 2009.
- SOUZA, Raquel Santos. Associativismo-filantrópico em Sergipe: condições e lógicas sociais de engajamento e militância na causa do câncer. In: VIII Reunião de Antropologia do Mercosul. Buenos Aires, 2009. Disponível em: [www.ram2009.unsam.edu.ar/.../GT58-Ponencia%5BSantos%5D.pdf](http://www.ram2009.unsam.edu.ar/.../GT58-Ponencia%5BSantos%5D.pdf). Acesso em: 25/10/2010.
- TURRATI, Maria Cecília Manzoli. Os filhos da lona preta: identidade e cotidiano em acampamentos do MST. São Paulo: Alameda, 2005.